

**GEMINIS**

[ESPAÇO CONVERGENTE - ENSAIO]

# A INTERNET DAS COISAS VISTAS: MEDIANERAS, FLÂNEUR, ZAPPEUR

## ÉMILE CARDOSO ANDRADE

*Mestre e doutora em Literatura e Cinema pela Universidade de Brasília. Atualmente é professora titular do Departamento de Letras na Universidade Estadual de Goiás. Líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas. Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, vinculado a CAPES.  
E-mail: emilecardoso@yahoo.com.br*

## MICHELLE DOS SANTOS

*Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás e mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília, com trabalhos desenvolvidos sobre o Brasil novecentista e a relação entre imprensa e história. Foi professora substituta na UnB, lecionando na área de História Social e Política Geral (séculos XIX e XX). Atualmente é professora titular de História Contemporânea, Estágio Supervisionado I e Leitura e Produção de Texto na Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão, com ênfase nos seguintes temas: história e cidade; história do trabalho no século XX; Literatura, Cinema e Holocausto; história da estética; uso dos recursos audiovisuais e da ficção no ensino de História. Atuou em catalogação de Acervos Históricos durante 3 anos. Líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas.  
E-mail: michelle.santos0803@gmail.com*

## RESUMO

Extensão do curta-metragem homônimo escrito por Gustavo Taretto em 2004 e filmado em 2005, *Medianeras* é uma reflexão simples e espirituosa sobre a falta de sincronia do destino das pessoas e sobre o impacto da tecnologia no dia a dia delas. Narrar a experiência solitária e anônima dentro da cidade é uma tradição da sociedade industrial que não se perdeu com a explosão e popularização da rede mundial de computadores a partir da década de 1990. Mas, agora, estamos diante do *flâneur digital*.

**Palavras-chave:** *Medianeras*; internet; cidade; *flâneur digital*.

---

## ABSTRACT

An extension of the homonymous short film written by Gustavo Taretto in 2004 and filmed in 2005, *Medianeras* is a simple and witty reflection on the lack of synchrony of people's fate and the technology impact on their daily basis. Narrate the lonely and anonymous experience inside the city is a tradition of the industrial society that was not lost by the explosion and popularity of the World Wide Web from the 1990s. But now, we are facing the digital *flâneur*.

**Keywords:** *Medianeras*; internet; city; digital *flâneur*.

## 1 INTRODUÇÃO

**É** de conhecimento geral que o fenômeno da internet modificou sobremaneira as relações que os sujeitos mantêm com a sociedade em que vivem. As facilidades, confortos e sofisticções no modo de viver contemporâneo provocado pela velocidade de informações e experiências transformou o ser social em alguém cada vez mais participativo e atento à variedade de espaços sociais e culturais disponíveis. Ou seja, torna-se imperativo para a vida atual ser um indivíduo inserido na metrópole e ter ao mesmo tempo uma vida virtual. Esta experiência tem marcado definitivamente a cultura e os modos de agir de seus “usuários”.

Contudo, mesmo com a efervescência do universo *online* e sua gama de possibilidades, ainda sofremos de alguns males que – apesar de paradoxal – parecem atormentar o homem desde sempre. Se a velocidade da comunicação produz uma vida pautada pelo megapixel, pelos serviços *delivery* e pela transitoriedade das relações, esta mesma rapidez não consegue dar conta dos desencontros, da solidão, das tensões musculares, da apatia e da depressão a que estão sujeitos os indivíduos deste contexto.

Partindo da discussão proposta na película de Gustavo Taretto, nosso objetivo é traçar algumas considerações sobre a natureza das relações entre o sujeito contemporâneo e os espaços onde habita, age, sente e sofre, configurados num conjunto de lugares múltiplos, que parte das grandes metrópoles e chega até os ambientes virtuais. Por aí transita nosso debate, que envolve não apenas um diálogo com alguns teóricos envolvidos neste tema, como diversas produções cinematográficas que também partilham de inquietações semelhantes.

Nesse sentido, pretendemos legitimar a proposição de que é possível compreender o cinema como ideia e como lugar de reflexões teórico-críticas tanto quanto qualquer outro meio de disseminação de debates. Dentro desta perspectiva, combinar os sentidos subtraídos da película de Taretto com as discussões presentes em alguns filmes nos parece fundamental como método de afirmação desta nova ordem sócio-cultural em que as mais variadas formas de mídia podem e devem dialogar no intuito

de produzir novos conhecimentos e fazer reflexão sobre como estamos lidando com esta nova experiência.

## 2 A SOFISTICAÇÃO DO LUGAR-COMUM: ENCONTROS, DESENCONTROS, AMOR VIRTUAL

Dirigido por Gustavo Taretto, *Medianeras* (2011) cria imagens para a solidão diária de Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala), absorvidos pela cultura virtual e tragados pela arquitetura de Buenos Aires nos dias atuais. Os pequenos apartamentos por eles habitados expressam, tal qual a tela dos computadores, o isolamento e o refúgio dos personagens, por meio de seus limites precisos, quadrados ou retangulares. Se as janelas se multiplicam na web, elas são proibidas nas paredes laterais dos prédios portenhos, próximas umas das outras. No longa, os ambientes domésticos são escuros e pouco acolhedores e a única luz existente é a digital. A janela é então um signo – obliterado – de ligação ou passagem entre dois lugares, é ainda sinônimo de claridade e fulgor. A repetição e o costume de viver mais dentro da internet do que fora dela fez a luz natural ser substituída pela artificial tanto no sentido literal quanto no metafórico.

**Imagem 1** – As paredes cegas que dão para o prédio vizinho são proibidas pelo Código Civil da Argentina, inclusive, são motivos de disputas judiciais e de sérios conflitos em nome da privacidade e do sossego, como retratado no filme de Mariano Cohn e Gastón Duprat, intitulado *O homem ao lado* (2009).

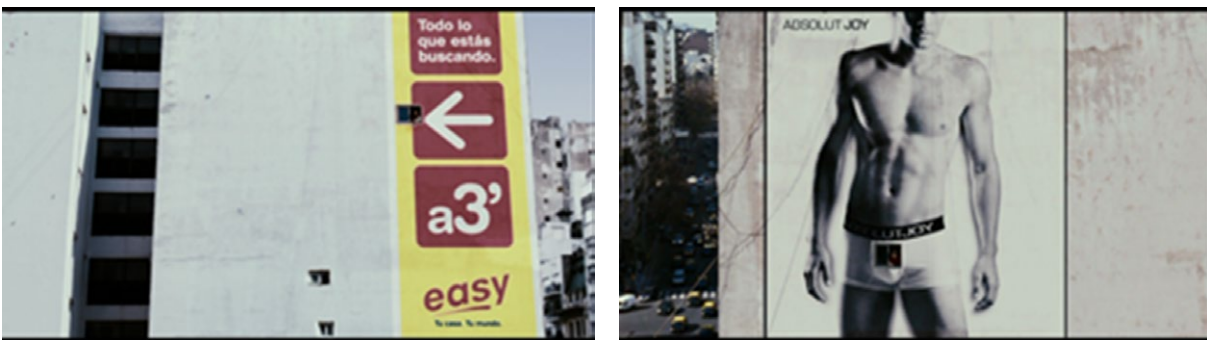


Em entrevista para Eduardo Lucena realizada no Brasil, concedida pelo diretor argentino em fevereiro de 2001, na ocasião em que foi indagado sobre o surgimento do conceito das “medianeras”, lemos a seguinte resposta:

Vem da fotografia. Durante muitos anos fotografei minha cidade. Fui descobrindo-a, entendendo-a e apreciando-a por meio da imagem. As “medianeras” são uma particularidade de Buenos Aires, produto da falta de critério e homogeneidade de sua arquitetura, tão particular que não existe em nenhuma língua uma tradução precisa. Nem mesmo na Espanha se compreende bem seu conceito. Uma das particularidades das “medianeras” são as janelas que as pessoas abrem de forma ilegal. Creio que foi através dessas janelas que me infiltrei nas vidas de Mariana e Martín. Quebrar uma parede para abrir uma janela é um feito muito significativo e uma metáfora direta e poderosa. Representa a necessidade de mais luz, de ar puro e principalmente de uma nova perspectiva.

Sua experiência como fotógrafo e redator em uma agência de publicidade passa a composição de toda a obra, como nas cenas abaixo e no uso de grafismos e animações.

**Imagem 2** – Assim como abriram suas próprias janelas nas medianeras, será que Martín e Mariana abrirão brechas em suas vidas off line, que lhes permitam não se resignar ao mundo virtual?

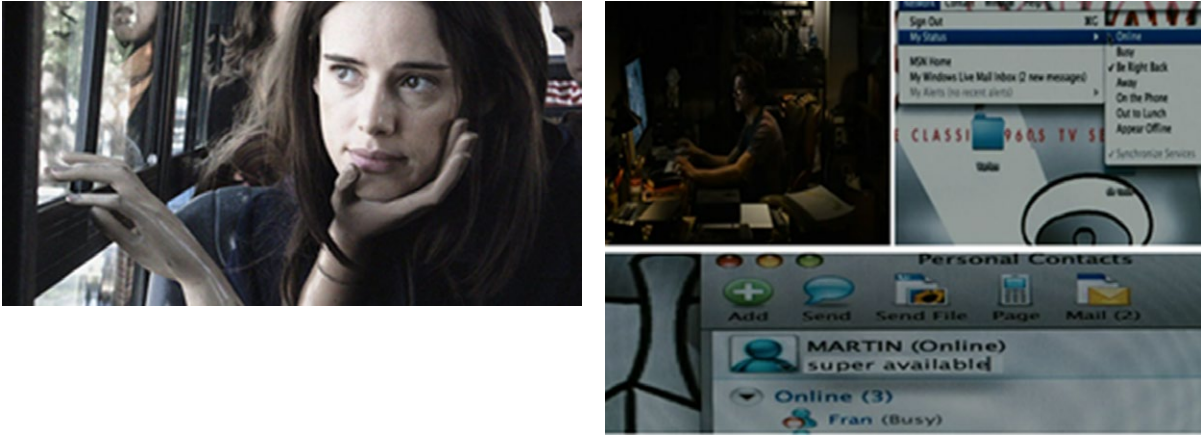


O fóbico *web designer* Martín passa as noites fazendo sites e procurando alguém disponível para conversar e conhecer, embora reconheça que sites de relacionamento são como combos do McDonalds, “nas fotos, tudo é melhor, maior e mais apetitoso”. Vive só com a cachorra que a ex-namorada deixou para trás, quando lhe abandonou. Já a “imóvel, fria e silenciosa” Mariana é cheia de manias, recém-separada de um homem com o qual tinha pouca afinidade, passa horas procurando o famoso rapazinho de blusa listrada do livro *Onde está Wally?* num edição que ganhou aos quatorze anos. Tal como ela, a figura criada nas obras infanto-juvenis do ilustrador britânico Martin Handford está sempre perdido na multidão, desde 1987.

Arquiteta que se tornou vitrinista por falta de opção no mercado de trabalho, Mariana é frustrada e carente. Seus modelos convivem em seu pequeno apartamento dando-lhe alguma sensação de convívio e intimidade. Martín, por sua vez, é um tanto misantropo e só trabalha em casa. “Vivemos como se estivéssemos de passagem por

Buenos Aires”. Essa “cultura do inquilino”, como a nomeia Martín, é transnacional e evoca uma vez mais a Nova Iorque filmada por Wood Allen, com os problemas de toda grande cidade e as suas neuroses e dificuldades de relacionamento.

**Imagem 3** - Os personagens- narradores de Medianeras: entre solidão, carência, sociofobia e uma boa dose de sensibilidade.



Na história contada pelos dois personagens em voz *off*, vemos que a arquitetura pode soerguer barreiras humanas capazes de incitar depressões, ansiedades e outros males. Compreendemos ainda que as mensagens instantâneas não podem nos salvar da clausura. Desiludidos com a vida moderna numa grande cidade, que eles tomam como um espelho de si mesmos: imponderável e caótica, irregular e asfixiante, acabam por virtualizar os contatos e os afetos.

A multidão urbana que, como um fenômeno novo na Inglaterra e na França industriais ao longo do século XIX, causou comoção, medo e fascínio, reaparece como hábito no filme argentino. Entretanto, se naturalizamos e expandimos tecnologicamente o fato de vivermos rodeados de desconhecidos, acabamos por inaugurar uma época na qual o que a cidade e a rua representaram para o flâneur, a internet e a informação multimídia passaram a representar para o “flâneur cibernético”<sup>1</sup>.

Charles Baudelaire e Walter Benjamin imortalizaram o flâneur como a alegoria da modernidade, associando-o a Paris do século XIX, onde tal figura passeava pausadamente por galerias, lojas e ruas para aperfeiçoar o que Honoré de Balzac chamou de “gastronomia do olhar”. O flâneur preferia errar incógnito. “A arte que o flâneur domina é a de observar sem ser flagrado”, como bem enfatizou Zygmunt Bauman, sociólogo polonês. Nada mais pertinente para retormamos ao filme de Taretto, no qual Martín e Mariana interagem pela internet, mas não sabem que são vizinhos. Gostam

<sup>1</sup> Expressão empregada por comentadores de tecnologia nas mídias impressas ou em outros suportes, entre eles o escritor bielorusso Evgeny Morozov, crítico da concepção festiva e libertária do ciberespaço.

de coisas semelhantes, frequentam espaços em comum, passam um do lado do outro nos lugares públicos, mas nunca se reparam. É justamente essa distância que os unirá na rede, visitada como antídoto contra a solidão e o tédio. Passeios contemplativos em galerias e espaços eletrônicos, mergulhando em multidões *online*. Para além de seu apelo instrumental, prático e consumista, cremos que ainda é possível flânar, sonhar e navegar. Retraimento e individualidade, anonimato e opacidade, mistério e ambivalência, curiosidade e o desejo de correr riscos, rotas indefinidas, não obstante o lado obscuro da liberdade virtual.

*Medianeras* é construído pela perspectiva de dois errantes solitários, mas, nesse caso, como em tantos outros, o *flanêur* é além de testemunha, um participante do espaço virtual onde flana, ou seja, o *zappeur* tem as suas singularidades. Mas o essencial, a captura da fugidia existência humana no “espetáculo da turbulenta vida urbana” *online*, permanece (BAUMAN, 1999, p. 197).

A *flâneurie* do sociólogo polonês possui algumas características controversas:

A superficialidade, o achatamento emocional e temporal, a emenda do fluxo do tempo em fragmentos desconexos costumava representar o prazer do *flanêur* solitário, o espectador pioneiro, o primeiro praticante do olhar sem ver, de encontros superficiais, do filtrar as seduções do outro sem comprometer-se a dar nada em troca. (BAUMAN, 2011, p. 182).

As reflexões de Bauman levam a crer que tal permanência na superfície e o reducionismo do “eu” são atributos para que o *flanêur* se sinta seguro. Assim sendo, a atividade do *flanêur* de tirar fotos torna-se o próprio ato de ver. “Ver é uma função humana, um dos maiores dons do homem. Ela exige atividade, abertura interior, interesse, paciência, concentração. Hoje, um instantâneo (a expressão agressiva tem significado) significa, essencialmente, transformar o ato de ver em um objeto” (BAUMAN, p. 181, 2011).

Em contrapartida, compreendemos que a superficialidade do passeio do *flanêur* e a transformação do seu olhar num ver que – segundo a crítica acusatória de Bauman – reproduz apenas instantâneos, não se configuram de forma alguma um problema no sentido de que a fragmentação, a efemeridade do momento, a transitoriedade da sensação possuem em si belezas que Baudelaire já identificava no século XIX e que o sociólogo polonês não foi capaz de captar. É, pois, necessário certo desligamento dos princípios maniqueístas do marxismo que caracteriza sua obra para compreender a complexidade – aparentemente insustentável – daquilo que está na superfície. Nesse sentido, relembramos uma das célebres autodenominações de Andy Warhol – um dos maiores

apologistas da cultura do efêmero: “sou um sujeito profundamente superficial”.

O trânsito humano, os ruídos, a heterogeneidade e o cosmopolitismo não podem ser controlados e não é possível calcular o que nos espera quando mergulhamos, e por vezes somos obrigadas a abrir uma janela em nosso universo de isolamento, tema muito bem desenvolvido no filme *Não por acaso* (2007), de Philippe Barcinski. Se no filme brasileiro os desafios da metrópole promovem os encontros e desencontros a partir do trânsito caótico de São Paulo, em *Medianeras* é a arquitetura e as engenharias sem planejamento que possibilitam a reflexão e a sensação de estar à deriva num espaço, que, como o próprio personagem Martín afirma: “construímos sem saber como queremos que fique”.

Os personagens do filme de Taretto vivem na mesma quadra, em edifícios de frente um para o outro, mas não conseguem se enxergar, se cruzam nas ruas da cidade, porém não se veem. As tomadas e as câmeras subjetivas não cedem espaço ao *voyerismo* clássico como estratégia narrativa. Ao contrário, é o filme que nos olha, nos indaga e nos desafia a pensar sobre como se dão as relações no moderno mundo do You Tube, do Facebook e do Twitter. Do mesmo modo que as metrópoles contemporâneas e suas edificações, esse mundo se expande sem lógica, controle e planejamento claros. Ainda não é possível aferir as consequências disso, mas é cada vez mais possível senti-las.

A identificação do espectador com a história é quase imediata, e endossa a clássica reflexão que advoga a favor do imenso potencial de empatia da ficção. Mesmo que a trama se passe em determinada época e em lugar preciso (Buenos Aires), a ficção é frequentemente entendida como uma experiência ‘generalizante’ e ‘universal’. Nesse sentido, *Medianeras* possui uma estrutura ficcional que não se distancia de qualquer grande trama cujo desejo é investigar sobre a natureza das sensações, desejos e questões humanas. Do mesmo modo como Shakespeare nos conta muito mais sobre a experiência do homem no mundo, e não sobre a época em que suas peças são ambientadas, nem sobre seu próprio século XVII ou acerca das particularidades da Inglaterra. O primeiro longa de Taretto, por exemplo, foi muito bem aceito pela crítica no Brasil e recebeu o prêmio do público da Mostra Panorama no Festival de Berlim, além de conquistar público e crítica no 39º Festival de Gramado de 2011, o que comprova seu lugar entre os filmes com relevante reflexão.

O risco de ser apenas um filme cheio de clichês foi sobrepujado pelo cuidado nos textos dos solilóquios, pela atuação primorosa de Javier Drolas e Mariana e pelo final surpreendente e pouco realista, que dá vazão à fantasia e põe novamente em xeque as fronteiras entre o real e o virtual, entre o que foi e o que poderia ter sido, como *eXistenZ* (1999), de David Cronenberg e *A rosa púrpura do Cairo* (1985), de Woody Al-



len. Aliás, outro clássico do diretor norte-americano, *Manhattan*, é homenageado pelo cineasta argentino no momento em que o seu protagonista é alertado pela jovem ex-namorada a “ter mais fé nas pessoas”.

Ora, a falta de comunicação e os desencontros são a tônica de um roteiro baseado na era dos bate papos, das redes sociais e dos compartilhamentos. Pois é possível falar com milhões de pessoas, e manter-se ensimesmado, fechado, tal qual uma parede sem *ventanas*. “O casal” se constrói para os espectadores como autênticas medianeras, como vidas sem abertura, enclausuradas na rotina, mais cômica que dramática, da internet e da proteção acinzentada do concreto e da intimidade.

O cinema que se mostra perplexo diante da desordem da metrópole também acontece no Brasil. No longa-metragem de Lina Chamie, *Via Láctea* (2007), a loucura da cidade, a velocidade das ocorrências nas ruas, os engarrafamentos e o sufocamento opressivo de dentro dos automóveis são – assim como no filme argentino em análise – metáforas das violentas relações a que são submetidos os sujeitos contemporâneos. Esse enclausuramento provocado pela impotência diante dos espaços verticalizados compõe um cenário urbano que transforma os sujeitos em pequenos seres indefesos diante da imponência de avenidas, arranha-céus e prédios gigantes que comportam milhares de indivíduos os quais, assim como a cidade, crescem desordenados e sem planejamento.

Essa discussão perpassa ainda o documentário *Edifício Master* (2002) do consagrado cineasta Eduardo Coutinho. Sensível, bem humorado e emocionante, esta obra dá a conhecer personagens singulares que vivem a experiência de morar em pequenos apartamentos conjugados (muito semelhantes aos de nossos personagens em *Medianeras*) e nos revela como essa vivência se reveste de sensibilidades, apesar de toda a ambivalência que uma cidade como o Rio de Janeiro, neste caso, pode provocar. Outras produções cinematográficas se interessam pelo mesmo tema, embora o abordem a partir de diferentes olhares. *Eros, o Deus do Amor* (1981), obra-prima de Walter Hugo Khouri e *O som ao redor* (2012), do cineasta pernambucano Kléber Mendonça Filho são ilustrações assertivas de como tais questões tocam e incomodam o cinema brasileiro há um bom tempo, seja em São Paulo da década de 80 ou em Recife da segunda década do século XXI.

### 3 CONCLUSÕES

A internet não afastou as pessoas, simplesmente não correspondeu à fé e a excitação de expectativas que supervalorizaram a conectividade e o fim da solidão e da melancolia. *Tão Longe, Tão Perto* (1993), título do filme de Wim Wenders, poderia ser assim aplicado à *Medianeras*. Mas se no filme alemão as distâncias dos personagens fi-

gurados como anjos são alegorias existencialistas e humanistas, no filme argentino esta questão de ordem filosófica é marcada pelo concreto da cidade e pelo lugar privilegiado do espaço virtual na vida subjetiva de Martín e Mariana.

O sonho de transparência, solidariedade e soberania popular com o acesso e a expansão deste acesso à internet se estilhaçou contra o recife dos interesses estatais e do imenso poder político e econômico das grandes empresas e conglomerados digitais, mas ele não deixou de ser uma das experiências mais básicas, contraditórias e intensas dos últimos 25 anos. Figuras e fatos recentes, como Edward Snowden e a espionagem norte-americana, Julian Assange e o WikiLeaks, as manifestações de massas nas ruas, tais quais a Primavera Árabe, os Indignados espanhóis, o Occupy Wall Street, a revolta estudantil chilena, e as jornadas de junho no Brasil, mostram o refinamento dos problemas e a abundância de materiais provenientes das práticas normativas e dos ideais orwellianos, de um lado, e do hackerismo anti-mainstream, do denunciamento e da organização de movimentos sociais, de outro. É exatamente por conta deste contexto tão peculiar que obras como a deste cineasta argentino se fazem tão pertinentes hoje.

Gustavo Taretto se inscreve ainda entre os cineastas que exploram a comédia romântica, testando seus limites e enfrentando temáticas aparentemente estranhas ao gênero e portanto, subvertendo-o. Da mesma forma que *Medianeras*, filmes de Juan José Campanella, por exemplo, (*El hijo de la novia*, 2001 e *Luna de Avellaneda*, 2004) também constroem-se a partir deste gênero, contudo não se resumem ao formato convencional consagrado por Hollywood e pelo *establishment* da indústria cinematográfica.

A solidão é um episódio insolúvel, fruto de situações bem reais, como a insegurança e o medo em um país subdesenvolvido – Argentina, nesse caso – e do declínio do homem público e da subsequente tirania da intimidade, como argumentou Richard Sennet (1988). Para o sociólogo norte-americano, a intimidade que se desenvolveu nos séculos XVIII e XIX nas cidades burguesas acabou por tornar-se tirânica, subordinando os fins imperiosos das sociedades aos interesses pessoais. Como fica, pois, o equilíbrio das esferas pública e privada quando as medianeras são rompidas por um *flâneur-zappeur*?

Em tempos de convergência, o sujeito estabelece novas interações diárias com os outros indivíduos ao seu redor, com as coisas com as quais deve conviver e consigo mesmo. A cultura-mundo – como afirma Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011) – despreza cada vez mais mídias tradicionais de direção única a favor daquelas que possam convergir para o todo da informação, da cultura e da apreensão da realidade. Neste sentido, é por meio dos sujeitos ativos deste contexto que a convergência se realiza e não pelos aparelhos de que dispõem (JENKINS, 2009, p.30). Contudo, o filme *Medianeras* nos

alerta sobre uma condição que até agora nos parece irrevogável ao homem que experimenta a modernidade sob quaisquer de suas formas: a solidão de viver entre muitos, ou seja, o sentimento trágico de saber-se sozinho mesmo quando rodeado de iguais.

Filmado em Belo Horizonte *O homem das multidões* (2013) é uma adaptação feita por Marcelo Gomes e Cao Guimarães de um conto do escritor inglês Edgar Allan Poe, e mostra como a impressão oitocentista de Victor Hugo ainda ronda a imaginação da contemporaneidade:

Multidão sem nome! Caos! Vozes, olhos, passos.  
Aqueles que jamais se viram, aqueles que não se conhecem.  
Todos os vivos! – cidades atordoantes para os ouvidos  
Muito mais do que um bosque da América ou uma colmeia de abelhas.

## REFERÊNCIAS

BARCINSKI, Philippe. **Não por acaso**. Brasil. Produção: Andrea Barata Ribeiro, Bel Berlinck, Claudia Büschel e Fernando Meirelles. Distribuição: FOX – AMZ, 102 min., 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Mimo; 7).

BAUMAN, Zygmunt. “Desert Spectacular.” In: Keith Tester (ed.). *The Flâneur*. London: Routledge, 1994. p. 138-157.

\_\_\_\_\_. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas III**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRESCIANI, Maria Stela Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CHAMIE, Lina. **Via Láctea**. Brasil. Produção de Lina Chamie. Distribuição: Europa filmes. 90min, 2007.

COHN, Mariano & DUPRAT, Gaston. **O homem ao lado**. Argentina. Produção: Fernando Sokolowicz. Distribuição: Imovision, 100 min., 2009.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. Brasil. Produção: Beth Formaggini. Distribuição: Videofilmes. 110 min., 2002.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LUCENA, Eduardo. ENTREVISTA EXCLUSIVA: GUSTAVO TARETTO (“MEDIANERAS”). Disponível em: <http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=4635>. Acesso em: 10 nov. 2013.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público** – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TARETTO, Gustavo. **Medianeras**. Argentina/Espanha/Alemanha. Produção: Rizoma/ Pandora/ Zarlek Producciones. Distribuição: Imovision Roteiro: Gustavo Taretto.. Duração: 95 minutos, 2011.

WHITE, Edmund. **O Flâneur**: um passeio pelos paradoxos do país. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Coleção escritor e a cidade).